

Inclusão no ensino da dança na escola
Inclusion in school dance teaching
Inclusión en la enseñanza de baile escolar

Recebido: 26/08/2019 | Revisado: 01/09/2019 | Aceito: 03/09/2019 | Publicado: 04/10/2019

Patrícia Ribeiro Feitosa Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5088-3081>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Brasil

E-mail: patriciafeitosa@ifce.edu.br

Nilson Vieira Pinto

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6548-8586>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Brasil

E-mail: nilsonvieira@ifce.edu.br

Raul Aragão Martins

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6495-731X>

Universidade Estadual Paulista, Brasil

E-mail: raul@ibilce.unesp.br

Resumo

Este texto de revisão objetiva dialogar sobre inclusão no ensino da dança educativa. Os conflitos cotidianos nos aspectos estéticos, didáticos, relacionais e culturais. O artigo desenvolveu-se pela experiência laboral dos autores em consonância com o aporte teórico de um estudo que verificou as interfaces da obesidade no ensino dança na escola, por Lima (2016). O recorte do levantamento bibliográfico tratou das concepções de dança educativa, imagem corporal e inclusão social. Destacam-se os conceitos da dança na escola, o contexto da dança educativa, os desafios do ensino para todos os alunos, para todos os corpos e constituições físicas, incluindo a concepção de imagem corporal dos corpos dançantes. Consideramos que a dança educativa é um ramo da dança que se constitui de um melhoramento da formação artística, humana e social dos alunos. Entretanto, as feições excludentes da dança na escola estão estreitamente relacionadas a visão de mundo da comunidade escolar e como o preconceito é enfrentado.

Palavras-chave: Dança Educativa; Inclusão; Imagem corporal.

Abstract

This review text aims to dialogue about inclusion in the teaching of educational dance. Daily conflicts in aesthetic, didactic, relational and cultural aspects. The article was developed by the authors' work experience in line with the theoretical support of a study that verified the factors of obesity in dance teaching at school, by Lima (2016). The clipping of the bibliographic survey dealt with the concepts of educational dance, body image and social inclusion. We highlight the concepts of dance in school, the context of educational dance, the challenges of teaching for all students, for all bodies and physical constitutions, including the conception of body image of dancing bodies. We consider that educational dance is a branch of dance that is an improvement of the artistic, human and social formation of the students. However, the exclusionary features of dance at school are closely related to the world view of the school community and how prejudice is addressed.

Keywords: Educational Dance; Inclusion; Body image.

Resumen

Esta revisión tiene como objetivo discutir la inclusión en la enseñanza de la danza educativa. Todos los días conflictos en factores dibujos artísticos, didácticos, relacionales y culturales. El artículo fue desarrollado por la experiencia profesional de los autores en línea con el apoyo científico de un estudio que verificó los factores de obesidad en la educación de danza en la escuela, por Lima (2016). El enfoque de investigación bibliográfica abordó los conceptos de danza educativa, imagen corporal e inclusión social. Destacamos los conceptos de danza en la escuela, el contexto de la danza educativa, los desafíos de la enseñanza para todos los estudiantes, para todos los cuerpos y constituciones físicas, incluida la concepción de la imagen corporal de los cuerpos que bailan. Llegamos a la conclusión que el baile educativo es una rama del baile que mejora la educación artística, humana y social de los estudiantes. Sin embargo, las características exclusivas de la danza en la escuela están estrechamente relacionadas con la visión del mundo de la comunidad escolar y cómo se abordan los prejuicios.

Palabras clave: Danza educativa; Inclusión; Imagen corporal.

1. Introdução

Este ensaio objetiva compartilhar alguns aspectos relacionados ao ensino da dança educativa que, ao longo de nossa atividade laboral se aproxima de quatro décadas entre estudos, observações e práticas de dança. Esse partilhar pretende instigar leitores à reflexão sobre inclusão no ensino da arte da dança na escola, os conflitos estéticos, didáticos, relacionais e culturais, comuns a um ambiente plural.

No cotidiano escolar percebemos que os alunos são receptivos às aulas de dança e se

aproximam de maneira pessoal do professor. Neste contexto, nos tornamos facilitadores em potencial, não só para ensinar os conteúdos próprios da dança, mas também para tratá-los de forma igualitária, respeitando a diversidade de configurações corporais que existe na escola.

Entendemos que a atividade da dança deve ser conduzida de modo a desmistificar a noção que o seu ensino na escola se resume exclusivamente à reprodução artística, à formação de grupos seletos de bailarinos e bailarinas. A intervenção da dança na escola caracteriza-se por uma relação professor-aluno descerimoniosa e, em consequência dessa informalidade, o professor torna-se para o aluno uma referência de alegria, de amizade e de boa saúde, deste modo viabilizando a atuação efetiva e o compromisso de busca dos objetivos educativos que possam ir além dos muros da escola, abrangendo a possibilidade de integração social e promoção da saúde da comunidade escolar.

Partindo desse pressuposto, os benefícios resultantes da prática da dança escolar se revelam incomensuráveis, pois são meios facilitadores na busca de soluções para os problemas que podem recrudescer na juventude e na vida adulta, especialmente nos alunos que não estão ou não se sentem incluídos socialmente num bom convívio escolar.

Organizamos este texto com esta introdução e mais quatro seções. Na primeira apresentamos a concepção de dança na escola; na segunda, discutimos os corpos que dançam; na terceira, a imagem do corpo que dança e, fechamos, na última seção, com nossas considerações finais.

A concepção de dança na escola

Partiremos do princípio sobre o conceito de dança pra nós. Este extrapola a concepção simplista de um movimento corporal estético. É elemento intrínseco no ser humano que se manifesta pelo corpo com harmonia e senso rítmico, podendo abrigar técnicas diversas, revitalizar a alma e aquecer todo o nosso ser. A dança é inata em nós. Pode ser acompanhada ou não por música ou outros sons e desenvolve sua aprendizagem no meio formal e informal. Faz parte da história da humanidade desde os primórdios da vida humana, sendo cultivada em todas as civilizações, perfazendo o objeto de estudo mais antigo do ramo das Artes.

A dança é conteúdo destacado no bloco das manifestações rítmicas da Educação Física (PCN, 1997), e ainda é utilizada como instrumento de educação em saúde pela área da Saúde Coletiva (Lima, 2006; 2016).

O objetivo das aulas de dança na escola é, antes de ensinar a dançar, ensinar a pensar sobre a dança, sobre os corpos que dançam e sobre a vida. Possibilitar aos alunos um pensar

criticamente sobre o mundo, sobre o que fazem, sobre o que eles são e transformá-los em melhores pensadores da arte, da educação e da sociedade. A proposta se aproxima do trabalho difundido por Paulo Freire (2005) defendendo a educação como prática da liberdade. Ele discute e nega a condição de ensino no qual de um lado o professor está repetindo interminavelmente lições e exercícios, e de outro lado, um aluno passivo e submetido somente ao conhecimento do docente.

A dança na escola não prioriza a mostra ou competição, tampouco faz exigência de alunos talentosos. Há lugar para todos e todos terão o mesmo grau de importância nas aulas. Para Nanni (2008), a dança deve ser direcionada a todas as demandas de alunos, sem pré-requisitos técnicos ou estéticos e deve estar associada ao resgate de valores socioculturais do povo. A dança pode desenvolver e aprimorar a qualidade artística, servir de lazer e atividade lúdica, trazendo benefícios físicos, emocionais e cognitivos, além de contribuir para uma formação de uma identidade do educando, tornando-o um ser mais crítico e reflexivo perante a sociedade.

No programa de dança na escola, a formação cidadã se faz presente. Esta estratégia é prevista pelo cooptação dança, educação e sociedade. O trabalho com o movimento do corpo, com a mente, com a emoção, com o ritmo e com expressão corporal, facilita a aprendizagem cognitiva, amplia o repertório motor e promove o autoconhecimento. Nessa perspectiva, propõe criticidade ao observar, analisar, refletir sobre o dançar, fomentando discussões acerca do conteúdo trabalhado na aula, do meio em que está inserido, educando para a vida social (Lima & Frota, 2007; BRASIL, 1997).

Os corpos que dançam

Por meio de nossa trajetória profissional, consideramos que a dança na escola se constitui diariamente por um cenário plural de comportamentos, mas também adverso, vivenciado por corpos que anseiam, interagem, criam, recriam, conhecem, estranham, excluem, descobrem, aconchegam, desejam, cooperam, aperfeiçoam, conciliam, harmonizam, buscam e desprezam, mas, sobretudo, movem-se e dançam. Esses comportamentos não se sucedem necessariamente na ordem apresentada, mas usualmente são revelados no cotidiano das aulas.

Muitas dessas ações são limitantes para a efetivação de um adequado processo de ensino-aprendizagem, contudo fazem parte da cultura dos alunos que é influenciada pelo convívio social. Como exemplo, destacamos o desprezo, a exclusão e a estranheza. Estes

geralmente se manifestam e causam segregação. São possivelmente oriundos do preconceito social associado aos padrões de comportamento ou estéticos que a sociedade impõe objetivando o corpo em detrimento da criticidade.

Alunos com habilidade corporal limitada, tímidos, afrodescendentes, obesos, magros em demasia, deficientes físicos ou mentais, que pertencem a religião politeísta, ateus, homossexuais, entre outros grupos historicamente perseguidos na cultura ocidental, são, muitas vezes, segregados por seus colegas e até mesmo por certos professores, isto porque o preconceito social não se manifesta apenas por meio dos alunos.

A observância da rotina da sala de aula de dança é uma provocação para o aprofundamento nos estudos e diálogos e nos convida a conhecer e a debater as causas, as circunstâncias que envolvem os alunos e suas relações intra e interpessoais. Com efeito, todo aluno tem o direito de estar na escola e de adquirir conhecimentos que favoreçam a sua formação integral. Entre os vários saberes que a escola proporciona estão a Educação Física e a dança que, balizadas nos movimentos corporais, contribuem, para além do desenvolvimento motor, transmitindo cultura, consciência crítica e cidadania (BRASIL, 1990; BRASIL, 1997).

Scarpato (2004) afirma que, partindo do pressuposto de que o movimento é uma forma de expressão e comunicação, objetiva tornar o aluno um cidadão crítico, participativo e responsável, capaz de expressar-se em variadas linguagens, desenvolvendo a auto expressão e aprendendo a pensar em termos de movimento.

Gaspar & Kogut (2011) defendem o respeito por todo aluno na escola como requisito importante para a inclusão. Embora a educação formal implique em acolher todos os alunos de forma igualitária, ainda é comum perceber crianças e adolescentes excluídos, sejam por outros alunos ou até por professores, por preconceito relacionado aos seus corpos ou alguma característica comportamental que por ventura se diferenciam dos padrões estabelecidos culturalmente pela sociedade. Esses alunos excluídos tornam-se objetos de brincadeiras maliciosas e de desdém nas atividades coletivas. Com crianças esse fato é sobremaneira relevante, pois se no início de vida escolar o aluno sofre com a rejeição, isto poderá causar problemas a médio e longo prazo.

Assim, o ensino da dança na escola, através de sua ação pedagógica educativa, poderá se utilizar dos conteúdos e das intervenções cognitivo-motoras como instrumentos de reflexão e transformação inclusiva.

Na perspectiva da inclusão, Gois & Gaio (2007) acrescentam que há movimentos que caminham para a aceitação da variedade humana em distintas áreas, tais como educacional, econômica e social. Considerando as diferenças de gênero, de etnia, de classes sociais e de

corpos, que têm ou pelo menos deveriam ter, os mesmos direitos e deveres frente à realidade social.

Para Oliveira (2004), a definição de inclusão compreende convidar, incluir e aproximar aqueles que estão ou estiveram historicamente excluídos. Portanto, é responsabilidade da sociedade civil mudar as atitudes e repensar sobre valores a fim de remover barreiras que sustentam a exclusão de grupos marginalizados. Neste entendimento, no âmbito da escola todos são responsáveis no processo de solidariedade, de pleito organizado em busca dos direitos sociais, culturais, direitos de cidadãos brasileiros.

Para isso, é preciso que o saber elaborado nas universidades, especialmente a formação de professores, se associe diretamente à formação dos alunos da educação básica, superando o distanciamento e dialogue com as escolas para que dessa forma se inicie a diminuição do fosso existente entre universidade e sociedade, professor e aluno, a escola idealizada e a realidade da educação, a atenção dada ao aluno habilidoso e aquele regular ou insuficiente, o qual também evidencia a exclusão.

Para exemplificar fatores contribuintes da exclusão na escola Rodrigues (2001) cita: o insucesso escolar; a indiferença da escola; a indisciplina; a rigidez dos currículos; a caracterização discriminatória dos corpos (obeso, magro, negro, ruivo, branco, alto, baixo, talentoso, não habilidoso). Tais fatores fizeram com que a escola que deveria integrar a todos, fosse ela própria, um instrumento de triagem que acentuava as diferenças culturais e capacidades pessoais dos alunos.

Gaspar & Kogut (2011) ressaltam que apesar de a educação na escola ter como princípio básico a inclusão, ainda é corriqueiro perceber que aqueles alunos que não se enquadram dentro de padrões corporais considerados ideais, de forma direta ou indireta, sejam excluídos ou segregados na aula de práticas corporais, Educação Física, ou especialmente de dança. Tal exclusão poderá causar transtornos à autoestima dos alunos vitimados.

O conceito da educação inclusiva se verifica em Hegarty, Meyer & Pijl (1994) que atribui ao desenvolvimento de uma educação apropriada e de alta qualidade para alunos com necessidades especiais na escola regular. Assim, o paradigma da escola inclusiva alude uma intervenção de elevada categoria na educação para todos os alunos considerados “normais” conjuntamente com aqueles que têm necessidades educacionais especiais ou são “diferentes” nas classes do ensino comum de ensino formal.

Nas aulas de dança, podemos citar como exemplo a participação de aluno deficiente físico cadeirante em uma aula prática de dança. Os movimentos corporais que o limitam nos

membros inferiores não o impedem de expressar-se utilizando braços, tronco, expressão facial, pescoço, etc. Caberá ao professor fazer a integração do aluno deficiente físico com a turma e com a atividade, sendo esta adaptada à turma e às suas aptidões.

De um modo geral, a ação pedagógica escolar se destina a todos indiscriminadamente. Sendo o ensino inclusivo, caracterizado pela prática da inserção dos alunos, independente do talento, tipo de deficiência, condição socioeconômica, étnica, composição corporal ou da cultura (Carvalho, 1998; Oliveira & Poker, 2002 *apud* Aguiar & Duarte, 2005).

Observando a dança como recurso de inclusão social, é a partir de seus objetivos que o professor poderá articular sua ação pedagógica direcionada na compreensão da estrutura e do funcionamento do corpo e na verificação do movimento humano, conectados à percepção de espaço, peso e tempo, de acordo com sua intensidade (Vargas, 2008).

Desta forma, para exercer a inclusão na dança é preciso considerar as peculiaridades dos discentes associadas às estratégias de ensino. O professor poderá conhecer as necessidades, os interesses e as possibilidades de cada aluno e de cada grupo com que trabalha. Não nos atemos ao método ideal que promova a inclusão escolar, porque o professor sabe e pode combinar numerosos procedimentos para remover barreiras e promover a aprendizagem dos seus alunos (Lima, 2016; Cidade & Freitas, 2011).

Imagem do corpo que dança

Outro aspecto, não menos curioso associado ao ensino da dança é a concepção da imagem corporal geralmente estigmatizada para com aqueles que dançam. O corpo do bailarino é historicamente alvo de avaliações criteriosas, rigorosas e desumanas. Ser magro é desde os primórdios condição básica para este ofício. Esta prerrogativa está arraigada até os dias atuais como padrão cultural e estético.

Simas, Macara & Lopes (2014) explicam a imagem corporal como fenômeno multidimensional, dinâmico e vinculado ao corpo em movimento. Uma vez que o corpo é o instrumento de expressão na dança, dependendo do estilo e da técnica adotados, demandará por um padrão de corpo específico, possivelmente relacionado à satisfação com a imagem corporal dos praticantes. Neste sentido, a imagem corporal do bailarino está atrelada culturalmente ao padrão de corpo magro, principalmente quando a intervenção da dança acontece nas academias e escolas de dança clássica.

No ensino do balé, considerado uma manifestação artística clássica e com um critério anatômico seletivo, a ênfase é no corpo magro com linearidade, que requer um alto nível

técnico, de disciplina, de desempenho e a exigência da manutenção de uma aparência magra. Quando existente, tais características pressupõem uma satisfatória qualidade artística da dança, por aquele que as detém. Caso contrário, o aluno enfrentará, provavelmente, preconceito relacionado à estética corporal acoplado na arte da dança (Hamilton, Hamilton, Marshall & Molnar, 1992; Nanni, 2008).

Assumpção (2003) explica que no caso do ensino da dança contemporânea, que incorpora diferentes técnicas, movimentos e estilos, quando comparado ao balé, permite ao praticante uma diversidade de movimentos e de corpos, com menos restrições, oportunizando a necessidade de libertação de formas pré-estabelecidas, incluindo corpos e movimentos.

Vale ressaltar que, quando um aluno está inserido numa cultura que exalta a magreza, possivelmente irá buscar esse objetivo e, geralmente, se faz por adoção de comportamentos e hábitos equivocados, que nem sempre são saudáveis. Desde a obesidade à anorexia, o jovem desenvolve distúrbios alimentares e comportamentais, como por exemplo: deixar de se alimentar por um longo período de tempo e realizar excesso de exercícios físicos exagerados ou aleatórios, comprometendo a saúde e a qualidade de vida, em prol da obstinação do ideal de corpo magro, de uma imagem corporal desconexa com a saúde (Conti, Frutuoso & Gambardella, 2009).

O desenvolvimento da imagem corporal está relacionado ao autoconceito, o qual se define pelo conjunto de valores e crenças, conscientes ou acessíveis à consciência, assim como atitudes e opiniões que o indivíduo tem de si mesmo, na relação com o outro e com o mundo (Miranda, 2011). Hartmann, Silva, Medeiros & Pacheco, em 2008, asseguravam que os elementos básicos para a formação do autoconceito são a autoimagem e a autoestima. Estes são adquiridos por meio da experiência, principalmente a partir do convívio social. A evolução do autoconceito e da autoestima se manifesta desde a primeira infância.

Assim a imagem corporal se delinea na representação mental do corpo, sendo a forma como o indivíduo pensa e vê o seu corpo. Também é a forma como o indivíduo acredita que os outros o veem. É o desenho que é formado na mente de um indivíduo sobre o próprio corpo ou a forma como cada um se vê (Hartmann et al., 2008).

A concepção de imagem corporal pode ser influenciada pelo sexo, idade, meios de comunicação, comunidade, escola, influências midiáticas, redes sociais, bem como pela relação do corpo com os processos cognitivos como crenças, atitudes e valores inseridos em uma cultura de determinada sociedade (Simas; Macara & Lopes, 2014)

No contexto escolar, nas aulas de dança, as formas de representação e compreensão do mundo e de si mesmo são expressas por meio da cultura corporal. Portanto, o professor deve

proporcionar aos seus alunos, a ampliação do repertório gestual, de maneira a possibilitar o sentido e sua identidade (BRASIL, 1997).

Desse modo, na escola, a imagem corporal satisfatória no aluno está intimamente relacionada com a correspondência aos ideais de beleza, embutidos culturalmente. Na cultura ocidental costumeiramente há confrontos promovidos principalmente pela mídia geral e *internet* com modelos estéticos, que impõem ou criam o desejo da procura de um enquadramento do corpo em modelos padronizados de beleza (Oliveira, 2013).

A preocupação exacerbada com a estética corporal é um fenômeno em crescimento na sociedade, que estabelece padrões a serem seguidos. Com essa imposição social e cultural pelo desejo estético, há repercussão na vida do escolar e é cada vez maior o número de estudantes que sofrem de transtornos corporais de imagem (Franco & Novaes, 2005).

Graup et al (2008) acrescentam que o descontentamento do estudante relacionado ao excesso de peso, muitas vezes, o conduz a uma imagem corporal negativa, que advém de uma ênfase cultural na magreza, como o modelo de corpo ideal apresentado pelos meios de comunicação, pouco importando as condições de saúde.

Vale salientar que existem sentimentos variados diante de obesos: muitas pessoas ficam confusas, outras se sentem superiores, têm dó, desgosto, desprezo, afastam-se por preconceito, formam juízos de valor como pessoas preguiçosas, atribuem aos obesos que os mesmos se alimentam em excesso, que cheiram mal, que têm problemas emocionais e ainda que não têm força de vontade (Archer, 1999; Schuster, 2000; Walker, 1999 *apud* Vieira & Novais, 2005).

Por existir essas equivocadas e preconceituosas observações, Brandão & Corbucci (2002) *apud* Vieira e Novaes, (2005) defendem que a missão do professor de Educação Física e de Dança na escola é de reverter uma situação por vezes solitária do aluno obeso, que sofre preconceito na escola, em prol de uma atitude solidária fomentando o desenvolvimento pessoal e grupal para o aumento da autoestima.

Graup et al. (2008) comentam que o excesso de peso é fator determinante na satisfação da autoestima e imagem corporal, pois estudos evidenciaram que indivíduos com estado nutricional normal possuem níveis de satisfação diferentes de indivíduos com sobrepeso e obesidade.

Oportunamente, Oliveira (2013) ensina que a disciplina de Educação Física poderá, através das vivências coletivas e interpessoais, contribuir para tornar mínimo os efeitos dessa determinação do padrão de corpo pela mídia. Uma sugestão de atividade é a prática do desenvolvimento da auto percepção do corpo pela via da formação positiva da imagem

corporal. A partir dessa proposta o professor poderá conduzir seu aluno para uma mudança de comportamento positiva frente à consciência de sua imagem corporal, levando-o a refletir sobre imposições de modelos de corpo.

Outra forma de desenvolver o autoconceito e a adequada percepção e aceitação de si mesmo, é através das atividades de ritmo, de expressão corporal, como a dança na escola, as quais o aluno evolui no domínio de seu corpo, descobre novos espaços e tem como uma de suas principais características a identificação da estrutura corporal e a formação de uma imagem corporal (Verderi, 1998; Silva; Alves & Ribeiro, 2010).

Considerações Finais

Consideramos que o diálogo inclusivo em dança escolar perpassa também por os aspectos aqui explorados nesta revisão. As experiências, os questionamentos, o respeito ao corpo do outro e o acolhimento são importantes feições a serem consideradas no ato de ensinar a dança. Quando temos parâmetros artísticos já arraigados ao longo do tempo e podemos refletir sobre o nosso fazer, vale a pena revisitar ou desconstruir corpos ou padrões já elaborados pela tradição virtuosa da dança, e talvez isto provoque uma mudança para melhor acolher a todos os alunos.

A dança educativa é um ramo da dança que se constitui de um melhoramento da nossa formação humana, social, artística e inclusiva. Entretanto, entendemos que os aspectos da imagem corporal e da inclusão de alunos segregados pela sociedade, na escola e na dança, estão estreitamente relacionados ao modo como são compreendidos e abordados pela comunidade escolar como um todo. As incursões conceituais (sobre dança e sobre corpo) da mídia e da sociedade desatenta a este assunto nos fornecem subsídios importantes para reflexão e demandam um posicionamento mais efetivo de educadores.

O fomento às ações de conscientização dos direitos sociais e melhoria da autoestima de nossos alunos e/ou de nós mesmos incidirá, quem sabe, num real afrontamento ao preconceito social, tão evidente no ensino da dança, nesse contexto de conceitos superficiais de eficiência motora, de beleza e de intolerância às pessoas consideradas diferentes do padrão midiático, sejam de comportamentos, de corpos ou de danças.

A promoção de estudos que entrelaçam dança, preconceito, imagem corporal e inclusão, são sugestões para que em campo se efetivem com observações, registros e discussões. Decerto promover-se-á aprofundamento textual e laboral desta área de ensino, que carece de atualizações científicas e debates contemporâneos correlatos.

Referências

- Aguiar, S. & Duarte, E.J. (2005). Educação inclusiva: um estudo na área da educação física. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, 11(2): 223-240.
- Graup, S., Araújo, V.C., Pereira, E.F., Legnani, R. F. S. & Borgatto, A.F. (2008). Associação entre a percepção da imagem corporal e indicadores antropométricos de escolares. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, 22 (2): 129-138.
- Assumpção, A.C.R. (2003). O balé clássico e a dança contemporânea na formação humana: caminhos para a emancipação. *Revista Pensar a Prática*, 6(1): 1-19.
- Brasil. (1997). Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física*. Brasília: MEC/SEF.
- Brasil. (2005). Presidência da República. *Lei no_ 8069, 13 de julho de 1990, Estatuto da Criança e do adolescente- ECA*. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em 02 nov. 2005.
- Cidade, R.E. & Freitas, P.S. (2011). Educação física e inclusão: considerações para a prática pedagógica na escola. Brasília: Integração/MEC.
- Conti, M.A., Frutuoso, M.F.P. & Gambardella, A.M.D. (2009). Excesso de peso e insatisfação corporal em adolescentes. *Revista de Nutrição*, Campinas, 18(4): 491- 497.
- Franco, V.H.P. & Novaes, J. S. (2005). Estética e imagem Corporal na Sociedade atual. *Cadernos Camilliani*, Cachoeiro de Itapemirim, 6(2): 111-118.
- Freire, P. (2005). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Gaspar, D. & Kogut, M. C. (2011). Obesidade como fator de exclusão e motivação nas aulas de educação física. Disponível em:

http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/675_769.pdf. Acesso em 22 ago. 2011.

Góis, A.A & Gaio R. (2007). Dança, diversidade e inclusão social: sem limites para dançar. *Revista Espaço da Sofia*, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Faculdades Integradas Einstein de Limeira, n.5, ano I.

Hamilton, W.G, Hamilton, L.H., Marshall, P. & Molnar, M. (1992). A profile of the musculoskeletal characteristics of elite professional ballet dancers. *Am J Sports Med*, 20(3): 267-73.

Hartmann, C., Silva, V. A, Medeiros, C. B. L. & Pacheco, B. B. (2008). Imagem corporal de crianças hiperativas em escolas especiais do Município de Maceió – AL. Livro de Memórias do VI Congresso Científico Norte-nordeste – CONAFF. Fortaleza, CE.

Hegarty, S., Meyer C.J.W. & Pijl, S.J. (1994). *New Perspectives in Special Education: a Six Country Study of Integration*. London: Routledge.

Lima, P.R.F. (2006). Significado da dança na promoção da saúde de crianças do ensino público municipal de Fortaleza-Ceará. 2006. 111f. Dissertação (Mestrado em Educação e Saúde), Universidade de Fortaleza-UNIFOR.

Lima, P.R.F. (2016). A obesidade e a aprendizagem da dança em escolas públicas municipais de Fortaleza-Ceará. 2016. 130f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” Faculdade de Filosofia e Ciências.

Lima, P.R.F. & Frota, M.A. (2007). Dança - educação para crianças do ensino público: é possível? *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 5(2): 137-144.

Miranda, R. (2011). Autoconceito e auto atualização na timidez e na fobia social: vencer a timidez e a ansiedade social. Disponível em: http://www.isad.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/675_769.pdf. Acesso em 04 out. 2011.

Nanni, D. (2008). *O ensino da Dança*. Rio de Janeiro: Shape.

- Oliveira, A.R.C. (2004). O lugar do corpo na escola. In: Magalhães, Jr. e Vasconcelos, J. Corporeidade: ensaios que envolvem o corpo. p.84-93, UFC Fortaleza.
- Oliveira, A.R.C. (2013). Educação Física Escolar: contribuições para a formação da imagem corporal em adolescentes. Disponível em: <http://fiepbrasil.org>. Acesso em 11 out. 2013.
- Rodrigues, D. (2001). A Educação e a Diferença. Portugal, Editora Porto.
- Simas, J.P.N., Macara, A., Lopes, M.S.I. (2014). Imagem corporal e sua relação com peso e índice de massa corporal em bailarinos profissionais. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, 20(6):433-437.
- Silva, W.F., Alves D.S. & Ribeiro, G. F.F. (2010). A dança nas escolas da rede estadual de ensino fundamental na cidade de Porteirinha, MG: análise da sua aplicabilidade e metodologias. *Educação Física em Revista*, 4(2). Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/efr/article/view/1662/1167>. Acesso em 02 set. 2019.
- Sparcato, M.T. (2004). A formação do professor de educação física e suas experiências com a dança. In: Moreira, E.C (org). Educação física escolar: desafios e propostas. Jundiaí: Fontoura.
- Vargas, S. (2008). Dança sobre Rodas: desafios e possibilidades. *Revista Digital Buenos Aires*, 13(122). Disponível em <http://www.efdeportes.com/>. Acesso em 02 set. 2019.
- Verderi, E.B.L.P. (1998). Dança na Escola. Rio de Janeiro/RJ: Sprint.
- Vieira, F.R. & Novaes, J.S. (2005). Imagem corporal e obesidade. Rio de Janeiro: Shape

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Patrícia Ribeiro Feitosa Lima – 40%

Nilson Vieira Pinto – 30%

Raul Aragão Martins – 30%